



“ARISTOCRATAS DA PENTEADEIRA”: EMPRESÁRIAS DA RAÇA E “POLÍTICAS DO CABELO BLACK” NA IMPRENSA AFRO-AMERICANA DO PÓS-ABOLIÇÃO (1900-1930)

Giovana Xavier¹

Eu fui para Denver, Colorado e comecei minha carreira com um capital de \$1,25. Comecei, é claro, de uma forma mais modesta. Sondava as pessoas da minha raça indo de porta em porta. Depois disso, fui muito bem. Mas, claro, encontrei muitos obstáculos antes de finalmente alcançar o verdadeiro sucesso. Eu não acredito em ganhar chances. Nunca peguei uma numa estocagem de supermercado. Não sou uma milionária, mas espero ser um dia, não por causa do dinheiro, mas porque poderei fazer muito para ajudar minha raça. (Entrevista com Madam C. J. Walker, *The New York Times Magazine*, nov. 1917).

Sobre peles e pêlos: os “hediondos naturais” e as relações de complementaridade entre a prática do bleaching e a do alisamento no mundo afro-americano

Lá pelos idos de 1908, uma das muitas mulheres afro-americanas preocupadas em melhorar o aspecto de seus fios crespos dizia: “Não é sorte e sim cuidado permanente”. Entretanto, anos antes de a frase com tom pedagógico virar uma febre na imprensa negra, sua autora era apenas mais uma anônima descendente de escravos, que tentava um lugar ao sol no impreciso mundo da liberdade.

Batizada como Sarah Breedlove (1867-1919) e natural da cidade de Delta no estado da Louisiana, não tinha mais ninguém no mundo, desde que perdera os pais, Owen e Minerva Breedlove², com sete anos de idade, ambos vítimas de febre amarela. Nos assuntos do amor, também não era lá das mais sortudas. Vivenciou nada mais nada menos que três casamentos frustrados entre 1881 e 1906. Além de tudo isso, sofreu tentativas de estupro por parte do cunhado e ainda tinha que se preocupar em sustentar uma filha, fruto de sua primeira união, aos dezessete anos, e que durou apenas até os vinte, quando se tornou viúva. Todavia, um fato mudaria o trágico destino de nossa personagem.

¹ Pós-doutoranda em História na Universidade Federal Fluminense.

² GIBS, Wilma L.; LANDS, Jill. “Biographical Sketch”. In: *Collection Madam C. J. Walker (1867-1919), Papers, 1910-1980* (Manuscript and Visual Collections Department, William Henry Smith Memorial Library, Indiana Historical Society, 13 August 1993).



Figura 1. Cabana da família Breedlove em Delta, Lousiana, s/d.

Fonte: *Madam C. J. Walker: official Madam Walker Biography Blog*. Disponível em:

<http://madamcjwalker.wordpress.com/2011/10/06/madam-c-j-walker-faq1-when-and-where-was-madam-walker-born/>

Acesso: 09/12/2011.

Conta-se que uma noite Sarah, que estava ficando careca, sonhara com um homem negro e gordo que lhe revelava a fórmula para combater a queda de cabelos. Dali em diante, em meio a sucessivos testes nas cabeças de amigos, vizinhos e familiares, a misteriosa fórmula oferecia os primeiros resultados positivos. E como num milagre, com a mesma rapidez que os fios das suas prestimosas cobaias cresciam, a jovem reinventava a si própria, afirmando-se como a poderosa Madam C. J. Walker. Mundialmente reconhecida como a primeira mulher afro-americana a acumular um milhão de dólares às custas do seu trabalho, a *self-made woman* ergueu um verdadeiro império no ramo da indústria cosmética nos EUA de princípios do século XX.



Figura 2. Selo da USPS [Correios dos EUA] em homenagem a Madam C.J. Walker, Coleção *Black Heritage*, 1997.

Fonte: Disponível em: <http://madamecjwalker.wordpress.com/2011/02/11/hello-world/> Acesso: 05/12/2011.



Ao ter como pano de fundo a criação da *Madam C. J. Walker Manufacturing Company*³, em Pittsburgh, o surgimento da pioneira *Poró Hair Beauty Culture*, em St. Louis, assim como de outras dezenas de estabelecimentos de *beauty culture* de pequeno e médio porte no país, meu artigo é um convite à visita de um mercado da beleza, povoado por milhões de compradoras, que, acreditando piamente no discurso de combate a “inimigos sociais”⁴ como a eczema, a calvície e a caspa, investirão suas economias num dos sonhos de melhoramento mais perseguidos no pós-abolição: o das madeixas bem cuidadas, visto, no duro processo de tornar-se uma madame negra, como pré-requisito tão indispensável quanto a compleição perfeita.

Devo alertar que, diferente do que tem acontecido, o mercado do clareamento não será alvo de análise específica. Neste momento, forçando-me a pensar nos próximos passos da pesquisa, colocarei tal mercado em diálogo com outro ramo empresarial de projeção: o comércio dedicado ao trato do cabelo, usualmente preterido pela curiosidade das pessoas em conhecer mais sobre a cultura do clareamento no pós-abolição afro-americano. Mas não se preocupem. O texto também reserva comentários sobre a intrigante febre do *bleaching* entre os afro-americanos.

O mercado dos cabelos carregava em seu bojo uma proposta de revitalização da imagem, igualmente calcada no discurso racializado de melhora da aparência.⁵ Tal proposta foi difundida por centenas de cosmetologistas que integravam o time das empresárias da raça, conforme a documentação primária, composta de propagandas, catálogos de beleza e textos publicados na imprensa negra, além de dados biográficos de culturistas profissionais coletados da historiografia americana, mostram-me.

Para tornar nossa conversa mais acalorada, revelo a vocês que em diversas apresentações que tenho feito da tese, uma pergunta é recorrente: haveria diferenças entre a cosmética branca e a negra? Costumo responder que são justamente tais diferenças que tornaram meu trabalho possível. Então falarei um pouco da forma como elas são por mim interpretadas. Trago exemplos de propagandas que, menos do que ilustrar, compõem minha argumentação.

³ Doravante MCJWMC.

⁴ “Social Enemies Friends Proven” – MCJWMC. In: *The Messenger: World’s Greatest Negro Monthly: Negro Business Achievement*. New York, v. 5, n. 11, nov. 1923, p. 914.

⁵ DAMASCENO, Caetana. *Segredos da boa aparência: da "cor" à "boa aparência" no mundo do trabalho carioca (1930-1950)*. Seropédica: EDUFRRJ, 2011.



Figura 3. “Da Cabana à Mansão, de Escrava à Líder Social”.
Fonte: MCJWMC, s/d.

Tenho aprendido que para as afro-americanas, ser bonita dizia respeito à articulação entre o *good looking* (algo análogo à nossa velha conhecida “boa aparência”) e a feminilidade exemplar, na qual destacava-se o exercício de algum tipo de ativismo social em prol da sua comunidade. E a publicidade cosmética negra foi categórica ao enfatizar tal particularidade com *slogans* como “Da cabana à mansão, de escrava à líder social”⁶, que acabamos de ver. Desse modo que opunha passado e presente, escravidão e liberdade, fracasso e sucesso, empresas como a MCJWMC passavam “mensagens de esperança”⁷ a “mulheres de todas as idades”.⁸ E assim, dentro de um processo de racialização do gênero, faziam questão de lembrar seu público feminino de que era possível resolver “o problema financeiro”⁹, “alcançar o sucesso”¹⁰ e “aumentar a beleza”¹¹,

⁶ “Da cabana à mansão, de escrava à líder social”, MCJWMC, s/d.

⁷ “Sistema Walker”. In: *The Messenger: a message of democracy*, New York, v. 2, n. 1, jan. 1918, p. 36.

⁸ Idem, *ibidem*.

⁹ Idem, *ibidem*.

¹⁰ Idem, *ibidem*.



conforme demonstrava a história da própria Madam Walker, louvada como a “maior benfeitora da Raça”.¹²



Figura 4. “Madam C. J. Walker: Uma Mulher Maravilha da Raça”.

Fonte: *The Messenger: World's Greatest Negro Monthly*, New York, v. 6, n. 8, ago.1924, pp. 252-3.

Para continuar respondendo a pergunta acerca das particularidades da cosmética negra, abro um rápido parenteses para refletirmos sobre nossa produção historiográfica. Creio que os estudos de gênero no Brasil ainda se preocupam muito pouco com a interseccionalidade entre gênero, raça e classe. Mas criticar não basta. Então como alternativa a este silêncio, tenho trabalhado para tornar a “beleza negra” conceito e objeto de estudos da História Social. Acredito que através desta categoria seja possível estudar não só a história das mulheres, mas a história dos direitos, da cidadania e do capitalismo dentro de uma perspectiva de classe e raça. Para chegar a essa compreensão, o tempo de bolsa *sandwich* em New York foi crucial. Lá, além da pesquisa no Schomburg Center for Research in Black Culture, travei contato com extensa bibliografia sobre gênero e feminismo negro, tornando

¹¹ “Glorificando nossa feminilidade”. In: *The Messenger: World's Greatest Negro Monthly*, New York, v. 7, n. 5, mai. 1925, p. 212.

¹² Idem, *ibidem*.



possível a incorporação das noções de “beleza cívica”¹³ e “políticas do cabelo *Black*”¹⁴ à minha pesquisa.

Creio que juntos, os dois conceitos contribuem para descortinar particularidades desta cosmética negra, pois, ao contrário da branca, a primeira insistia na necessidade de articular mercado da beleza e ascensão profissional, lançando mão de estratégias de *marketing* e de recrutamento de mão-de-obra que conferiam às mulheres *colored* o lugar não só de trabalhadoras urbanas, mas, sobretudo, de cidadãs da raça que, a despeito dos preconceitos de gênero, tinham suas próprias histórias para contar.

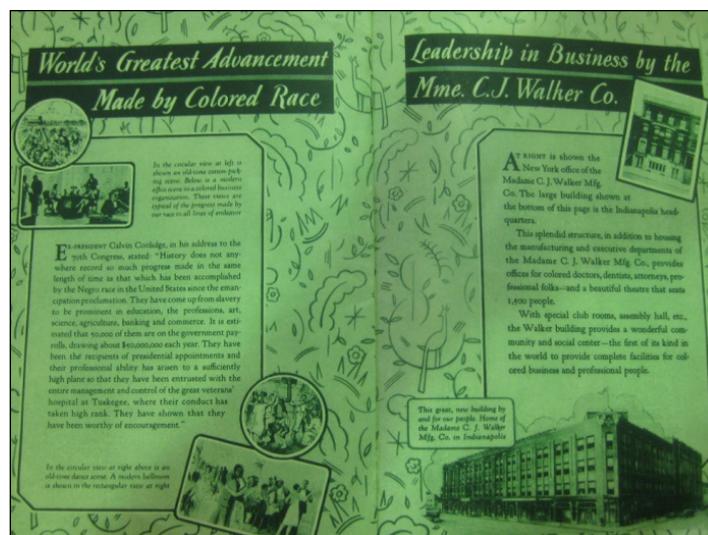


Figura 5. “O maior avanço do mundo feito pela Raça de Cor” (esq.) e “Liderança em Negócios” por Mme. C. J. Walker Co.

Fonte: *The Key to Beauty, Success, Happiness*. Indianapolis: Madam C. J. Walker Manufacturing Company, 1929.

A idéia do civismo qualificador de uma beleza específica – a negra - dimensiona que na cosmética afro-americana o que estava em jogo era construir a “feminilidade respeitável”¹⁵, fabricando uma aparência suficientemente convincente do respeito e da dignidade das mulheres. Falo de mulheres que eram previamente julgadas por traços físicos que denunciavam sua descendência africana, ou seja, a pele e, não menos importante, o cabelo. Nesse sentido, as

¹³ GILL, Tiffany. *Civic Beauty: Beauty Culturist and the Politics of African American Female Entrepreneurship, 1900-1965*. In: *Enterprise and Society: The International History of Business History*, dez. 2004, pp. 583-93.

¹⁴ KELLEY, Robin. *Nap Time: Historicizing the Afro*. *Fashion Theory: The Journal of Dress, Body & Culture*, v. 1, n. 4, nov.1997, pp. 339-351. O conceito de “políticas do cabelo” também aparece em: BYRD, Ayana D.; THARPS, Lory L. *Hair Story: Untangling the Roots of Black Hair in America*. New York: St. Martin Press, 2001.

¹⁵ WOLCOTT, Victoria W. *Remaking Respectability: African American Women in Interwar Detroit*. Chapel Hill: The University of North Carolina Press, 2001, p. 3.



experiências de manipulação dos pelos também revelam um intento feminino. Qual seria? Desconstruir estereótipos através da comercialização e uso de produtos criados para encontrar o penteado mais adequado para representar o que julgavam ser uma beleza cívica negra. Seria ele o “cabelo científico” do Kashmir Institute?



Figura 6. “Cabelo Científico e Cultura da Pele” Kashmir – *The College of Beauty Culture*.
Fonte: *The Crisis: a record of the darker races*, New York, v. 20, n. 4, ago. 1920, s/p.

As imagens mostram que, sem dúvida, o tema “cabelo de Negro”, com todas as questões que a expressão traz em seu bojo, mereceria, por si só, uma tese. Findada a minha, também sou levada a concluir que é necessário produzir análises que articulem os produtos de pele com os de cabelo, como disse, meu objetivo hoje. Tendo em mente toda uma tradição de estudos comparativos das relações raciais no Brasil e nos EUA, sinto-me na obrigação de promover o encontro da cultura das madeixas com aquela do clareamento, especialmente para nós, pesquisadores brasileiros, via de regra, ainda muito influenciados por uma leitura da organização racial dos EUA, pautada exclusivamente no sistema *one drop rule*.

Os limites de espaço me impedem de oferecer análise densa, mas não posso sair daqui sem ao menos introduzi-la. Por isso começo dizendo que nem tudo é preto ou branco. Nos EUA, o



gradiente de cores também atuou na produção de hierarquias entre negros (“pigmentocracia”¹⁶), assim como na geração de algumas oportunidades para *mulattoes* no mundo branco. Para ilustrar minha afirmação, ofereço a vocês, meus leitores e expectadores, exemplos de documentos que roubaram-me muitas noites de sono.



Figura 7. *Black Skin Remover* [“Removedor de Pele Negra”].

Fonte: *The Colored American Magazine: an illustrated monthly devoted to Literature, Science, Music, Art, Religion, Facts, Fiction and Traditions of the Negro Race*, Boston, v. 3, n. 5, set. 1901, s/p.

¹⁶ Cabe salientar que os intelectuais afro-americanos mantêm uma longa tradição de estudos sobre a pigmentocracia, na qual destacam-se trabalhos pioneiros como: CALIVER, Ambrose. *A Background Study of Negro College Students*. Washington, D. C.: Government Printing Office, 1933; WOODSON, Carter Goodwin. *The Negro Professional Man and the Community*. Washington, D. C.: Association for the Study of Negro Life and History, Inc., 1934; REUTER, Edward Byron. *The Mulatto in the United States*. Boston: R. G. Badger, 1918. Uma análise mais recente, preocupada nas articulações entre gênero, políticas raciais e pigmentocracia, pode ser vista em CRAIG, Maxine Leeds Craig, *Ain't I a Beauty Queen: Black Women, Beauty and the Politics of Race*. New York: Oxford University Press, 2002. Já sobre os impactos da pigmentocracia no Caribe destaca-se: JAMES, Winston; HARRIS, Clive. *Inside Babylon: The Caribbean Diaspora in Britain*, London, New York: Verso, 1993.



Figura 8. “Não se preocupe com a pele ruim, aprenda a maneira *Kashmir*”.
Fonte: *The Crisis: a record of the darker races*, New York, v. 14, n. 2, jun.1917, p. 100.

Ao considerar os comerciais de cabelo em perspectiva comparada aos de pele, apesar de ambos produzirem uma imagem racializada do feminino, percebemos que o discurso sobre um consumo com vistas a melhores oportunidades profissionais recebia maior ênfase nos primeiros (cabelo), ao passo que os segundos (pele) exploravam mais a questão de oferecer à mulher uma face pública respeitável, fenotipicamente afinada com a tradicional aristocracia de cor. Nessa trilha, a análise do material sugere que o trato do cabelo foi uma prática mais popular do que aquela do *bleaching* na hora de aprender e praticar a “cultura da beleza”.



Figura 9. “Aprenda Cultura da Beleza”.

Fonte: *The Crisis: a record of the darker races*, New York, v. 18, n. 2, jun. 1919, s/p.

A meu ver, tal particularidade relaciona-se ao fato de que a maioria da população feminina (e masculina) em questão era *dark* (cf. tabelas 1 e 2), fazendo com que o clareamento fosse visto como um sonho irrealizável, embora – como descobri - as propagandas de *bleachings* pregassem o contrário. Ofereciam, inclusive, artigos com matizes diferenciados, que, dentre outras artimanhas do léxico capitalista, reificavam o gradiente de cor das clientes. Prometiam transformar todas as escurinhas, no mínimo, em mulatas:

Removedor de Pele Negra – Registrado no Serviço de Patentes dos EUA – um maravilhoso clareador de pele e alisador de cabelo

Um maravilhoso clareador de pele (sic).

Uma compleição COMO PÊSSEGO obtida se usado de acordo com as instruções. Tornará a pele de uma pessoa negra ou *brown* quatro ou cinco tons mais clara e a de uma mulata perfeitamente branca. Em quarenta e oito horas um ou dois tons já serão visíveis. O produto (...) realça o branco e a pele permanece bonita mesmo sem o uso contínuo. Vai remover rugas, sardas, manchas escuras, espinhas ou inchaços, tornando a pele mais suave e macia. Pequenos buracos, varíolas (sic), bronzeados (sic) e manchas são removidos sem prejuízos para a pele. Quando você conseguir a cor desejada pare de usar a preparação.¹⁷

¹⁷ “Black Skin Remover”. In: *The Colored American Magazine: an illustrated monthly devoted to Literature, Science, Music, Art, Religion, Facts, Fiction and Traditions of the Negro Race*. Boston, s/v, s/n, out.1902, s/p.



Tabela 1. População *Mulatto* em relação a população total dos EUA em três das principais cidades com publicações negras pesquisadas de acordo com o Censo de 1910.

Cidade	População total	População total de <i>Negro</i>	Percentual de <i>Black</i>	Percentual de <i>Mulatto</i>
Atlanta	154 839	51 902	67.6	32.4
Chicago	2 185 283	44 163	58.4	41.6
Nova York	4 766 883	91 709	75.1	24.9

Fonte: Tabela adaptada de “Negro Population Distinguished As Black and Mulatto in Cities having 5.000 Negroes or more: 1910” e “Porcentagem de *Mulattoes* em 96 cidades com mais de 5.000 habitantes Negroes”. Apud KATZ, William Loren. *The American Negro: His History and Literature*, Howard, Arno Press, 1968, Table 15 e 31, p. 214; 229.

Tabela 2. População *Negro* e *Mulatto* em relação à população total dos EUA

Ano	População Total dos EUA	População <i>Negro</i>	Procentagem <i>Negro</i>	População <i>Mulatto</i>	Procentagem <i>Mulatto</i>
1850	23 191 876	3 638 808	15.69%	405 751	1.75%
1860	31 433 321	4 441 830	14.13%	588 363	1.87%
1870	38 558 371	4 880 009	12.66%	584 049	1.51%
1880	50 155 783	6 580 793	13.12%	-	-
1890	62 947 714	7 488 676	11.9%	1 132 060	1.8%
1900	75 994 575	8 883 994	11.62%	-	-
1910	91 972 266	9 827 763	10.69%	2 050 686	2.23%
1920	105 710 620	10 463 131	9.9%	1 660 554	1.57%

Fonte: Tabela adaptada de “Color, or Race, Nativity and Parentage”, in *Thirteenth Census of the United States Taken in the Year 1910*, Department of Commerce, Bureau of the Census, Washington Government Print Office, Population, General Report and Analysis, Table 6, v. 1, p. 129.

Já no caso da manipulação dos fios, o sonho era mais realista, uma vez que as mudanças prometidas ligavam-se ao trabalho específico com o couro cabeludo, que rebelde só precisava ser melhorado, como garantia o *Hartona*, “maior de todas as preparações”. O tônico era “positivamente incomparável [no] alisamento de todos os cabelos carapinhas, teimosos e ásperos”.¹⁸ É inclusive interessante notar que as anunciantes recusavam um discurso essencialista e homogêneo.

Ao contrário disso, de olho nas vendas, faziam questão de reconhecer a diversidade de cabeleiras crespas, criando um vocabulário altamente complexo e comprometendo-se a esticar toda e qualquer uma delas. Por outro lado, não menos interessante, é a observação de que, em hipótese alguma, elas asseguravam mudar aquilo que acreditavam ser a suposta essência dos fios, tão pouco garantiam a manutenção de uma crina escorrida, em caso de abandono do tratamento. A esse

¹⁸ “*Hartona*, a maior de todas as preparações para o cabelo”. In: *The Colored American Magazine: an illustrated monthly devoted to Literature, Science, Music, Art, Religion, Facts, Fiction and Traditions of the Negro Race*. v. 2, n. 4, fev. 1901, p. 321.



respeito, nossas especialistas eram um tanto quanto sinceras: uma vez *kinky* sempre carapinha, daí a necessidade de cuidado permanente.



Figura 10. Propaganda do Ozono, Boston Chemical Co.

Fonte: *The Colored American Magazine: an illustrated monthly devoted to Literature, Science, Music, Art, Religion, Facts, Fiction and Traditions of the Negro Race*, Boston, v. 4, n. 1, nov. 1901, s/p.

Sobre peles e pelos: os “hediondos naturais” e as relações de complementaridade entre a prática do bleaching e a do alisamento no mundo afro-americano

Ao tecer breve apresentação das diferenciações entre ambos os mercados, um objetivo me é caro: pensar a formação do capitalismo dentro de uma perspectiva racial e de gênero. Para isso, tento discutir as relações entre capitalismo, cosmética e mercado consumidor tendo como foco gênero, raça e questões relacionadas ao colorismo entre os negros. Por mais que o debate seja muito maior, por ora, parece instigante mostrar que as narrativas capitalistas de zelo para com os cachos tinham como público preferencial mulheres mais escuras, na maior parte dos casos, com menores oportunidades de mobilidade social. Não por acaso, dois de seus maiores ícones, Madam Walker e Annie Malone, tinham a pele *dark*, se consideradas em contraponto a das mulatas de magazines como *The Colored American Magazine* e *The Messenger*.



Figura10. Annie Pope Turnbo Malone Madam C. J. Walker (dir.).
Fonte: *Poro Hair and Beauty Culture*. St. Louis: Poro College, 1922, p. 2.



Figura11. “Madam Walker na época em que ela abriu o primeiro Lelia College em Pittsburgh”, c. 1909.
Fonte: Legenda e fotografia reproduzidas de BUNDLES, A’Lelia Bundles. *On Her Own Ground The Life and Times of Madam C. J. Walker*, New York, London, Toronto, Sidney, Singapore: Washington Square Press, 2002, s/d.



Figura 11. Capa *The Colored American Magazine*.
Fonte: *The Colored American Magazine: an illustrated monthly devoted to Literature, Science, Music, Art, Religion, Facts, Fiction and Traditions of the Negro Race*. Boston, s/v, s/n, ago, 1901.



Figura 12. “Exaltando a Familidade Negra – Um *Bouquet* de Belezas de Nova York”.
Fonte: *The Messenger: World’s Greatest Negro Monthly*. New York, v. 6, n. 1, jan. 1924, pp. 22-3.

Menos do que fazer uma história dos penteados, tão pouco dos *bleachings*, acho importante mostrar e convidá-los a refletir sobre pele e pelo como duplo imprescindível para a constituição da nova mulher negra. Embora complementares, os dois mercados, da derme e do cabelo, possuíam linguagens e lógicas de funcionamento distintas. Dentro da tradição da História Social, o estudo de tais lógicas mostra o quanto seus sujeitos procuraram negociar, fazendo escolhas individuais frente a um sistema normativo que trazia à tona ambiguidades e contradições acerca daquela que deveria ser a melhor representação visual para as distintas *ladies* de cor.¹⁹

Outra coisa que também quero discutir é a necessidade de, enquanto historioadores e historiadores, mantermos nosso compromisso em reconstituir a pluralidade de sujeitos e ideologias, dentro de um mesmo grupo racial, neste caso. Digo isso, pois em inúmeras ocasiões a “negritude” vem sendo exclusivamente definida por algo que chamo aqui de uma matriz afrocêntrica (mas que

¹⁹ Sobre sistemas normativos, liberdade individual, ambigüidades e contradições nos processos históricos ver a discussão de LEVI, Giovanni. “Sobre a micro-história”. In: BURKE, Peter. *A escrita da história. Novas perspectivas*. São Paulo: Ed. Unesp, 1992, pp. 132-162, p. 135-6.



também é problemático). Ou seja, em diálogo com a categoria antropológica “estilizações negras”²⁰, estou empenhada em pensar (continuar pensando) uma interpretação alternativa à idéia de que o cabelo negro, usado de formas historicamente conhecidas como “ao natural”²¹, tais como “blacões”²², *dreadlocks*, tranças “nagôs” e demais penteados “afro” constituía-se na única expressão de valorização estética autêntica para a população de cor.

Dentro de uma visão romantizada da diáspora, a história do alisamento entre mulheres negras é poucas vezes contada sem julgamentos prévios baseados numa espécie de *pretômetro* que tem por fim medir o grau de consciência racial dos indivíduos, com base no estilo de cabelo escolhido por cada um.

No mais absoluto senso comum do anacronismo, considera-se que o consumo de químicas para mudar as madeixas crespas, no caso do feminino de cor, teria como finalidade única e atemporal o embranquecimento ao passo que as brancas, que apropriavam-se de técnicas similares, usando instrumentos inicialmente concebidos para atender às suas demandas (tais como o pente- quente, criado nos anos 1870 e divulgado ao lado dos rolos de marçal em catálogos de companhias famosas como a *Bloomingdale's* e a *Sears's* entre 1880 e 1890²³), estariam simplesmente fazendo valer suas preferências.

Contraponho-me a uma perspectiva que, alimentada pelo racismo, pauta-se no discurso da liberdade branca *versus* aquele do preconceito negro, negligenciando o papel do alisamento como uma “política do cabelo” hegemônica até 1950, quando o estilo natural começa a se consolidar como o mais importante ícone de uma chamada cultura negra da rebeldia. Em vez disso, considerando o compromisso da História Social com os sujeitos e suas agências, acredito que o penteado liso pode ser interpretado como posição política de afirmação racial, conforme sugerem dois gritos de protesto frente à disseminação do uso do cabelo na sua forma crespa: “cada vez que

²⁰ TATE, Shirley Anne. *Black Beauty: Aesthetics, Stylizations, Politics*, Burlington, VT: Ashgate, 2009.

²¹ KELLEY, Robin. “Nap Time...”

²² “Blacão” é o abasileiramento do estilo chamado *Black*. Trata-se de um penteado feito em cabelos bem crespos com um tipo de pente específico, chamado garfo. O cabelo deve ser penteado seco e para cima, o que aumenta consideravelmente o seu volume. Nos anos 1960, tal estilização tornou-se um dos principais ícones do *Black Power*, movimento racial de luta por direitos civis que pregava a resistência armada da população negra à legislação Jim Crow. A respeito das repercussões do movimento *Black Power* no Brasil, ver: PEREIRA, Amílcar Araújo. 2010. “*O Mundo Negro*”: a constituição do movimento negro contemporâneo no Brasil (1970-2001). Tese (Doutorado em História), Universidade Federal Fluminense, Niterói; ALBERTI, Verena; PEREIRA, Amílcar Araújo. *Histórias do Movimento Negro no Brasil*. Rio de Janeiro: Pallas, 2007.

²³ BUNDLES, A'Lelia Bundles. *On Her Own Ground The Life and Times of Madam C. J. Walker*, New York, London, Toronto, Sidney, Singapore: Washington Square Press, 2002, p. 20.



ando na rua e vejo outra mulher usando um daqueles hediondos ‘naturais’, sinto-me tão humilhada que poderia chorar” e “estou tentando criar minhas filhas com orgulho da sua raça, [no entanto], os naturais acentuam o lado negativo [da raça].”²⁴

De autoria de Shirley Dronke e de K. E. Williams, duas leitoras assíduas do famoso periódico *Ebony Magazine* em 1968, os dois lamentos contra os “hediondos naturais” ajudam a pensar que o uso da cabeleira ao natural não era visto com bons olhos, ao menos por uma parte, das *ladies* de cor. Assim, menos do que mudar a origem racial, o que também podia estar em voga nas técnicas de alisamento, agenciadas por mulheres negras desde a escravidão, eram temas como resgate da dignidade, reconstrução da feminilidade, liberdade. E, por que não, crítica e resistência a visões essencializadas sobre si próprias e seus corpos? Nessa trilha, seus clamores por uma estilização negra “apresentável”²⁵ abrem caminhos para conhecermos mais histórias de arrepiar, anteriores à era *Black Power*.

Deixo as linhas de encerramento para uma jovem, que sentada à sua penteadeira, tinha o prazer de informar às leitoras boas novas: “você também pode ser uma beleza fascinante”, dizia ela. Quem sabe a *lady* quisesse nos mostrar, pelo espelho da sua penteadeira, os reflexos de um futuro de reconhecimento para mulheres de cor. Mulheres elevadas ao posto máximo de “aristocratas da penteadeira” por meio de uma cosmética negra que articulou aparência, ascensão social e cidadania no pós-abolição.

²⁴ Cartas de Shirley A. Drake e K. E. Williams ao editor da *Ebony Magazine*, mar. 1968, 17. Apud CRAIG, Maxine Leeds. *Ain't a Beauty Queen? Black Women, Beauty, and The Politics of Race*. New York: Oxford University Press, 2002, p. 36.

²⁵ O conflito entre adultos, que vivenciaram o desenvolvimento do Jim Crow e acreditavam nas conexões entre aparência “apresentável” e cabelo liso, e jovens, influenciados pelos movimentos de insurgência negra nos anos 1960, são essenciais para entender as mudanças de significados que o cabelo liso vai assumindo no decorrer dos anos 1950. Ver a esse respeito, dentre outros: CRAIG, Maxine Leeds. *Ain't I a Beauty Queen...* e BYRD, Ayana D.; THARPS, Lory L. *Hair Story: Untangling the Roots...*



*You, too,
may be a
fascinating beauty*

PERHAPS YOU ENVY the girl with irresistible beauty, whose skin is flawless and velvety, whose hair has a beautiful silky sheen, the girl who receives glances of undoubted admiration.

You need not envy her. Create new beauty for yourself by using Madam C. J. Walker's famous beauty preparations.

When Madam Walker and her associates started to develop her beauty preparations, which are now used all over the world, they perfected their formulas step by step.

Each preparation was beyond the point of experiment before it was followed by another. Each preparation's wide use and high merit were always proved. Today they are unsurpassed.

Try these products and you won't have reason to envy another girl her lovely hair and her charming complexion.

You can obtain any of these marvelous preparations at your nearest druggist or from a Madam C. J. Walker agent (there's one near you) or write the company direct at Indianapolis.

**Madam
C. J. WALKER'S
Beauty Preparations**

COMPLEXION AND TANNING SOAP—A preparation of liquidated gold and silver for the most tender skin. Removes all blemishes. 50 cents per soap box.

YACONIA OIL—A powerful skin-soothing and hair-growing preparation. It is the most perfect skin and hair restorer. 50 cents per bottle.

REWEAVING FACE POWDER—A perfect skin-soothing and hair-growing preparation. It is the most perfect skin and hair restorer. 50 cents per bottle.

GLYCERINE—Oils and natural skin-soothing and hair-growing preparation. It is the most perfect skin and hair restorer. 50 cents per bottle.

THESE ARE BUT FOUR OF EIGHTEEN MADAM C. J. WALKER BEAUTY PREPARATIONS—AS FINE AS MONEY CAN BUY

Figura 13. “Você também pode ser uma beleza fascinante”, anos 1930.

Fonte: Disponível em: <http://www.nps.gov/nr/twhp/wwwlps/lessons/walker/WAfacts4.htm> Acesso: 28/12/2011.



**ARISTOCRATS OF
THE DRESSING TABLE**

Towering far above "average" toilet preparations, eclipsing "good" toilettes and surpassed in effectiveness by no similar articles on the world's market, MADAM C. J. WALKER'S SUPERFINE PREPARATIONS for the hair and skin stand out today as Aristocrats of the Dressing Table.

Wonderful Hair Grower	Glossine
Vegetable Shampoo	Witch Hazel Jelly
Superfine Face Powder	Tan-Off
Antiseptic Soap	Complexion Soap
Face Creams	Toilet Water

Perfume, Etc.

—18 Preparations, each a chemist's masterpiece, conservatively priced and made to aid you have luxuriant tresses and a beauty-kissed complexion.

*Cheerfully supplied you by Walker Agents,
good drug stores and by mail.*

THE MADAM C. J. WALKER MFG. CO., Inc.
640 North West Street, Indianapolis, Ind.

*Simple Beauty
Treatments*

To improve scalp health, alleviate dandruff, restore, refresh, soothe, falling hair, use MADAM C. J. WALKER'S TETTER SALVE. To thicken lashed hair, stimulate the growth of sluggish, falling hair, use MADAM C. J. WALKER'S WOODBRIDGE HAIR GROWER. To impart gloss and healthy lustre, use MADAM C. J. WALKER'S GLOSSINE. The best results from the use of these world renowned Preparations are obtained after thoroughly cleansing the hair and scalp with MADAM C. J. WALKER'S VEGETABLE SHAMPOO. Try these Preparations today!

Madam C. J. WALKER'S
SUPERFINE PREPARATIONS

FOR the HAIR FOR the SKIN

Figura 14. Propaganda “Aristocratas da Penteadeira”/Tan-Off da Madam Walker Company.
Fonte: *The Messenger: World's Greatest Negro Monthly*, New York, v. 7, n. 5, mai. 1925, s/p.



Figura 15. Turma de graduadas do *St. Louis Walker Beauty* em 1939.

Fonte: A'Lelia Bundles/Walker Family Collection e Indiana Historical Society. Fotografia reproduzida em: A'Lelia Bundles, *On Her Own Ground...*, s/p.

Bibliografia

ALBERTI, Verena; PEREIRA, Amilcar Araújo. *Histórias do Movimento Negro no Brasil*. Rio de Janeiro: Pallas, 2007.

BUNDLES, A'Lelia Bundles. *On Her Own Ground The Life and Times of Madam C. J. Walker*, New York, London, Toronto, Sidney, Singapore: Washington Square Press, 2002.

BYRD, Ayana D.; THARPS, Lory L. *Hair Story: Untangling the Roots of Black Hair in America*. New York: St. Martin Press, 2001.

CALIVER, Ambrose. *A Background Study of Negro College Students*. Wshington, D. C.: Government Printing Office, 1933

CRAIG, Maxine Leeds Craig, *Ain't I a Beauty Queen: Black Women, Beauty and the Politics of Race*. New York: Oxford University Press, 2002.

DAMASCENO, Caetana. *Segredos da boa aparência : da "cor" à "boa aparência" no mundo do trabalho carioca (1930-1950)*. Seropédica: EDUFRRJ, 2011.



GIBBS, Wilma L.; LANDS, Jill. "Biographical Sketch". In: *Collection Madam C. J. Walker (1867-1919), Papers, 1910-1980* (Manuscript and Visual Collections Department, William Henry Smith Memorial Library, Indiana Historical Society, 13 August 1993).

GILL, Tiffany. *Civic Beauty: Beauty Culturist and the Politics of African American Female Entrepreneurship, 1900-1965*. In: *Enterprise and Society: The International History of Business History*, dez. 2004, pp. 583-93.

JAMES, Winston; HARRIS, Clive. *Inside Babylon: The Caribbean Diaspora in Britain*, London, New York: Verso, 1993.

KELLEY, Robin. *Nap Time: Historicizing the Afro*. *Fashion Theory: The Journal of Dress, Body & Culture*, v. 1, n. 4, nov.1997, pp. 339-351.

LEVI, Giovanni. "Sobre a micro-história". In: BURKE, Peter. *A escrita da história. Novas perspectivas*. São Paulo: Ed. Unesp, 1992, pp. 132-162.

PEREIRA, Amilcar Araújo. 2010. "O Mundo Negro": a constituição do movimento negro contemporâneo no Brasil (1970-2001). Tese (Doutorado em História), Universidade Federal Fluminense, Niterói.

TATE, Shirley Anne. *Black Beauty: Aesthetics, Stylizations, Politics*. Burlington, VT: Ashgate, 2009.

REUTER, Edward Byron. *The Mulatto in the United States*. Boston: R. G. Badger, 1918.

WOLCOTT, Victoria W. *Remaking Respectability: African American Women in Interwar Detroit*. Chapel Hill: The University of North Carolina Press, 2001.

WOODSON, Carter Goodwin. *The Negro Professional Man and the Community*. Washington, D. C.: Association for the Study of Negro Life and History, Inc., 1934